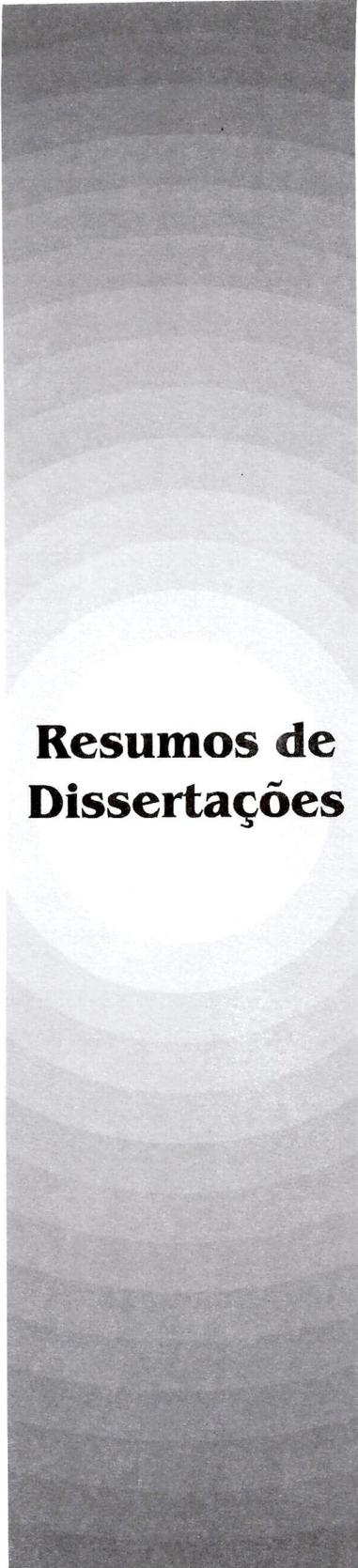

MICHELS, Maria Helena. **A Formação de Professores de Educação Especial na UFSC (1998-2001): ambigüidades estruturais e a reiteração do modelo médico-psicológico.**

Tese de Doutorado do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. 2004. Orientador: Prof. Dr. José Geraldo Silveira Bueno

O objetivo desta tese foi analisar a formação de professores para a Educação Especial em nível de graduação oferecida pelo curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, entre 1998 e 2001, como expressão das ambigüidades que perpassam a formação docente no País, assim como a reiteração da perspectiva médico-psicológica, marca constitutiva desta área em foco. Nesse período, esta instituição ofereceu duas modalidades da habilitação de educação especial no curso de Pedagogia – regular e emergencial – ambas presenciais e com expedição de certificados de licenciatura plena, com habilitação em educação especial. Embora ofertadas concomitantemente pela mesma universidade, apresentaram organização acadêmico-curricular, distribuição e organização do tempo e do espaço, e constituição do corpo docente que pareciam expressar as ambigüidades estruturais, que perpassam a história da formação docente no Brasil (Assen de Carvalho, 1997). A partir do conceito de *habitus* (Bourdieu, 1989, 1992, 2001, 2003a), objetivei, com esta investigação, apreender quais os princípios geradores que permitiram a oferta, pela mesma universidade e no mesmo período, de duas modalidades que, apesar de terem diferenças significativas na sua estrutura e funcionamento, deram o mesmo tipo de certificação. Embora a oferta em curso superior de Pedagogia possa ser encarada como superação da ambigüidade de formação do professor em relação ao nível de ensino, a existência dessas duas modalidades diferentes foi considerada como *translação* da estrutura que reitera, de forma diferenciada, a permanência de ambigüidades estruturais na formação docente no Brasil. Para desenvolver as análises relacionadas às duas modalidades, utilizei-me de dados documentais (proposta de curso, objetivos, atas de reuniões, constituição do corpo docente e discente, grade curricular, ementas das disciplinas, entre outros) que, de qualquer forma, foram produzidos por professores



Resumos de Dissertações

especialistas da universidade, isto é, são as expressões individuadas das ambigüidades estruturais como princípio gerador das práticas de formação docente (Bourdieu, 1990). Por outro lado, a análise de farta documentação sobre a estruturação e o funcionamento dessas duas modalidades propiciou verificar que, se de um lado, a oferta concomitante reiterou a ambigüidade

estrutural da formação docente, de outro, ratificou o modelo médico-psicológico (Skrtic, 1996), marca histórica da caracterização da deficiência e, conseqüente-mente, da Educação Especial na sociedade industrial moderna capitalista.

Palavras-chave: Formação de Professores; Curso de Pedagogia; Educação Especial; Modelo Médico-Psicológico.

MAFFEZOLI, Roberta Roncali. **“Olha, Eu Já Cresci”**: a **Infantilização de Jovens e Adultos com Deficiência Mental**. Dissertação de Mestrado em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba. 2004. Orientadora: Profa. Dra. Maria Cecília Rafael de Góes.

Percebe-se que culturalmente ainda existe uma forte crença que é enunciada em dizeres como “o deficiente mental é uma eterna criança!”. O problema focalizado neste trabalho é a forma infantilizada pela qual são tratados os jovens e adultos com deficiência mental, o que constitui um fator de grande peso que dificulta ou lentifica seu desenvolvimento, desde os aspectos cognitivos, em geral mais visualizados em termos educacionais, até aqueles relativos à sua formação cultural, concebida mais amplamente. Tal infantilização se faz presente nas relações familiares, nas atividades designadas e permitidas em casa, bem como nas experiências escolares que não dão condições para atividades e aprendizagens que atendam a seus interesses, possibilidades ou necessidades. Tudo contribui para a acomodação e relação de dependência desses sujeitos para com essas instâncias e pessoas que fazem parte de seu cotidiano. Para buscar compreender melhor esse problema, que é persistente, embora conhecido entre educadores e pesquisadores, realizei um estudo de campo em que optei por dar voz às pessoas com deficiência mental, com o intuito de buscar subsídios para um aprofundamento da questão. Através de entrevistas com seis sujeitos jovens e adultos, participantes de um programa de profissionalização em instituição especial (oficina abrigada), procurei analisar seus dizeres para identificar as significações que atribuem às suas

condições de vida quanto à inserção nas relações familiares, à relação com o trabalho; à vida afetiva; à participação em diferentes espaços de atividades; e às experiências escolares. Para o estudo, tomo o apoio de referenciais teóricos que assumem uma visão do desenvolvimento humano como processo cultural e uma visão que privilegia os aspectos dinâmicos e múltiplos da formação de identidade do indivíduo. As análises das entrevistas permitem constatar uma tendência a um cotidiano tutelado, mais centrado nas instâncias da família e da instituição especial. São restritas as oportunidades de vivência em diferentes espaços da cultura; quando estas acontecem, os sujeitos geralmente continuam com um *status* infantilizado e são acompanhados por um familiar. Os entrevistados, com raras exceções, relatam seus namoros e desejos afetivos de maneira infantilizada, sem perspectivas reais de concretização. Em termos de experiência escolar e de trabalho, configuram-se condições precárias, marcadas pela falta, desistência, não oportunidade, que impedem o ingresso na vida adulta numa sociedade de caráter capitalista. Por outro lado, os sujeitos mostram algumas capacidades ou indícios de possibilidades para viver o mundo adulto. Assim, muitas contradições permeiam o conjunto de achados, evidenciando que há impedimentos construídos nessas histórias de vida, mas também potencialidades (muitas)

não exploradas. É, pois, urgente um redimensionamento no olhar para esses jovens e adultos, que não são menos crescidos por terem uma deficiência mental, que merecem e precisam de maior credibilidade, entendimento e oportunidade.

Somente assim as iniciativas sociais irão contribuir para uma perspectiva mais digna de existência dessas pessoas.

Palavras-chave: Deficiência Mental; Infantilização; Inclusão Social.

KATO, Lucila Suemi. **Fatores Que Interferem na Dinâmica de Equipes de Reabilitação Que Atuam em Instituições Especializadas.** Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2004. Orientadora: Profa. Dra. Silvana Maria Biascovi Assis.

O processo de reabilitação de pessoas com deficiências está intimamente relacionado com o trabalho de uma equipe multiprofissional. Visando a realização de uma reflexão sobre a atuação em equipe destes profissionais, este estudo teve por objetivo a identificação e análise de alguns fatores que facilitam ou dificultam o trabalho em equipe multiprofissional de reabilitação sob a perspectiva de seus integrantes. Para tanto, realizou-se uma pesquisa teórica sobre os temas: equipe de reabilitação e interdisciplinaridade, além de uma pesquisa de campo que se baseou em entrevistas com profissionais que integram equipes multiprofissionais de reabilitação que atuam em instituições especializadas na cidade de Presidente Prudente e região. Os resultados indicaram que a busca pelo conhecimento, o estar aberto a mudanças, o estabelecimento de uma rede de comunicação baseada na tolerância, flexibilidade

e sinceridade, além de uma postura de respeito, humildade e confiança são alguns fatores que facilitam o trabalho em equipe de reabilitação. Em contrapartida, a acomodação, o imobilismo e a não busca por novos conhecimentos, além da falta de um encontro sistematizado entre os profissionais, a baixa remuneração e uma postura de competitividade e individualismo são alguns fatores que podem dificultar um trabalho em equipe de reabilitação. A partir dos dados analisados pode-se observar que o simples agrupamento de profissionais de diversas áreas não significa a concretização de um trabalho em equipe multiprofissional de reabilitação, para tanto é necessário que se atente para as posturas e atitudes de seus integrantes, visto que, as diversas profissões se expressam através dos sujeitos que a exercem.

Palavras-chave: Deficiência; Reabilitação; Equipe; Interdisciplinaridade.